

O protesto operário contra a guerra

Em Loulé

O comício de protesto foi impedido de funcionar por um grupo de políticos aruaceiros, que foram provocar a desordem

OLHÃO, 3.—Loulé assistiu no dia 2 do corrente, não a um comício de protesto contra a guerra, como estava marcado, mas a uma cena bárbara e revoltante.

O povo de Loulé foi impedido de protestar contra a guerra, por um grupo de facinoras, que de nómadas têm a aparência. Esses bandidos—outro nome não podem ter—filiados nos centros nacionalistas e monárquicos, como se ouvem de antenados que não eram competentes para fazer a confusão dos oradores, por quanto não tinham a razão do seu lado, chefiados por um advogado, —de nome José Pedro, levaram uma semana inteira a reunir-se para prepararem os acontecimentos que seguem.

Foi pela volta das 16 horas que o comício abriu, com a presidência de António Ramelha, que declarou a tribuna completamente livre. A seguir concedeu a palavra a Augusto César da Silva, da seção de propaganda da construção civil.

Apenas o orador tinha começado a saírem o povo, os cobardes irromperam as apartes, fora, fura, etc., etc. Ao que o povo respondeu todo em massa, com vibrantes apupos reforçando o orador.

Em face desta atitude do povo, o orador continuou a apreciar os efeitos das guerras. Nesta altura novamente voltaram as perfidas criaturas com um aparte: Vai fabricar bombas! Respondendo então o orador, que se houvesse um蓬co de escrúulos e de vergonha, nada mais tinha a fazer quem discordasse das suas palavras, que pedir a palavra, porque ele aceitava a controvérsia fosse de quem fosse, partisse de quem partisse.

Estas últimas palavras foram cobertas com estrondosos aplausos.

Então, os cobardes dos nacionalistas, vendo goradas todas as suas esperanças de captar as simpatias populares, procuraram agredir o delegado operário. Perante tão baixa e imoral atitude, o povo completamente revoltado, caiu sobre os facinoras, travando-se de parte a parte uma luta violenta. Vitoriosos nos primeiros momentos, o povo continuou a ocupar o seu lugar, disposto a fazer ver à casta exploradora que não se arredaria um passo. Continuou no uso da palavra Manuel Teodoro, por o seu camaraço se encontrar completamente extenuado. Mas a reacção conservadora, que se havia preparado durante uma semana para a desordem, não desarmou. E assim tendo engrossado consideravelmente de número, os nacionalistas irromperam de novo com vias ao exército e à armada. Estes vivas facilmente se compreende com que lhes foram soldados. Tendo concebido os mais infernais planos para impedir a toada o transe o conjício, eles para jogarem a última cartada, tinham necessidade de conquistar as simpatias da força armada, porque sempre esperavam que esta aparecesse a cada momento.

Ao mesmo tempo que os vivas se ouviam, os dos nacionalistas, aproveitando o deserto do povo, derivado à sua exaltação, conseguiram aproximar-se da mesa e dar-lhe um pontapé; foi como se tivesse caído um raio no meio da fôrma a massa popular.

Esta completamente fôrma de si, lançou-se na luta e o combate travou-se com tal violência que os delegados operários se viram na necessidade de dar por terminado o comício, para evitar que a força armada tivesse de intervir.

Estas monstruosidades deixaram revoltado todo o povo trabalhador louletano, que mais do que nunca está disposto a abandonar completamente os centros políticos.

Julgaram os políticos nojentos que, lançando mão dum processo tão revoltante e cobardo para impedir que o comício se realizasse, talvez triunfasse. Mas não pensam que uma ideia não se abafa com um ecale, mas sim com uma ideia superior. Dentro em breve ficarão competentes do contrário, por quanto esta secção já jâmais abandonará o terreno, indo editar um manifesto para ser distribuído em Loulé. Como entre os provocadores e causadores dos acontecimentos se encontrem alguns indivíduos filiados em vários sindicatos operários vamos publicar os seus nomes para que sejam conhecidos, e para que os sindicatos em questão tratem de saber com quem lidam:

António Gama, ferroviário do Sul e Sueste; Joaquim Machinhas Asner, aspirante de Finanças; Sebastião da Costa, marceneiro e comerciante; José Borralla, sapateiro; António

Calcinha; Alberto Formosinho, funcionário público; Francisco Carochi, Leão Ascensão, estudante; Manuel Javarido, sapateiro; Francisco Matus de Barros, explorador.

São estas as personagens que serviram de manequins ao cobardão do dr. José Pedro, que todo soridente para salvar as aparições fingia que pretendia assegurar os acontecimentos, quando não fez mais que instruir os seus cúmplices do que haviam de fazer.

E são estes pulhos que dizem existir em Portugal a liberdade de pensamento.—E.

Em Penafiel

Realizou-se um comício público de protesto

PENAFIEL, 2.—Promovido pela organização operária desta cidade realizou-se hoje um comício público de protesto contra a guerra de 914-918 bem como contra as guerras de Marrocos, Oriente, China e Índia.

Aberto o comício e depois do presidente audir às causas que provocaram as manifestações que em toda a Europa se efectuam hoje por iniciativa da Associação Internacional dos Trabalhadores, concede a palavra ao delegado da C. G. T., Saúl de Souza, que descreve as causas da guerra.

Uma banal questão comercial, diz, entre dois poderosos impérios, envolvem a Europa numa luta sangrenta onde milhões de trabalhadores inconscientemente sacrificaram a vida.

Enquanto a mocidade proletária sacrificava em terras de África e França a sua vida, os Poincarés, os Guilhermes II, os Jorges e os Afonsos Costas negociam ambigamente no mercado internacional.

A alia banca, o comércio e a indústria aproveitando a deslocação do povo que na guerra tinha sens ente queridos cravava-lhe as suas adinhas garras. E o povo, o décil povo português não viu não soube compreender que a sua situação era fácil de resolver não combatendo os seus irmãos de além fronteira, mas os Afonsos Costas que vendiam soldados a libra, a moagem que dava ao povo escremento de cavalo por pão; o industrial que por espírito patriótico explorava duramente os escravos, o mercieiro que vendia óleo por azeite, bacalhau pôr bom, areia por açúcar, etc., etc.

Que ganharam os trabalhadores com a guerra?

Miséria, luto e dor.

Lucraram sim os homens do Comércio, da Indústria, da Finança e da Política. Esses sim fizeram fabulosas fortunas enquanto a miséria do povo aumentou.

Deserve o que significa a Pátria. A pátria é a negação absoluta da unidade universal e o prolongamento da escravidão dos povos separados por convencionais fronteiras.

Destruímos pois as fronteiras para selar as dores e para a fraternidade humana.

Reverte-se ao militarismo que ataca duramente.

Descreve a vida insane da caserna e critica a educação homicida que é ministrada ao operário fardado, terminando por aconselhar a mocidade presente a não servir o exército.

Diz por último que a burguesia prepara nova chacina, devendo o povo estar atento e nesse momento com as armas que lhe forem elas sejam empregadas não à abater escravos mas sim os tiranos e proclamando na terra a Paz Universal, o termínus do ódio e a Sociedade Livre onde o homem não seja mais lobo do homem.

José de Sousa, do grupo anarquista «Estrela do Norte», critica também asperamente o militarismo, cancro venenoso que enferma a humanidade, refere-se à situação dos operários deportados em África sem culpa formada, contra o que o conício também deve manifestar-se.

Terminando exortando o povo a estar atento às indicações da A. I. T. contra a guerra.

Em seguida é aprovada por entre vibrantes gritos contra as guerras, vibrantes aclamações à Associação Internacional dos Trabalhadores, a C. G. T., aos deportados, a Paz Universal e à Revolução Social, uma moção com as conclusões seguintes:

1º—Protestar com veemência contra os criminosos provocadores da chacina, Europeia de 1914-1918, bem como contra a burguesia espanhola e francesa que pretendem roubar Marrocos aos marroquinos sacrificando a mocidade operária, e ainda contra as guerras do Oriente, China e Índia.

2º—Opôr-se por todos os meios a qualquer mobilização, exortando a mocidade ao abandono da caserna.

3º—Intensificar a propaganda destrutiva da sociedade presente, fortalecer asse-

molas da Organização Operária e Libertária apressando assim o advento da Sociedade Livre.

4.—Saúdar o povo marroquino pela sua rebeldia, bem como os povos do Oriente, Índia e China e ainda todas as vítimas da fera militarista e da tirânica burguesia internacional.

5.—Saúdar a Associação Internacional dos Trabalhadores, a Confederação Geral do Trabalho, A Batalha, Comuna, e mais.

Em Gouveia

A miséria impediou os textos de reunir

GOUVEIA, 2.—A Associação dos Textos de Gouveia faz distribuir profusamente nesta localidade um manifesto contra a guerra que terminou em 1918 e contra outras que se preparam, e convidando o povo trabalhador a comparecer em massa na sede do seu sindicato, a fim de afirmar o seu protesto.

A sessão não pôde efectuar-se porque os salários que auferem na fábrica não lhes garantem a subsistência e todos os momentos disponíveis os aproveitam para cultivar as suas hortas e recolher as suas sementes.

Oxalá os operários não continuem por este caminho. Não lhes faz falta uma hora para sessões desta natureza, porque perdem muitas durante o ano. —C.

Em Cabeção

Um comício proibido pelo delegado do governo

CABEÇÃO, 2.—Devia realizar-se nesta localidade um comício de protesto contra a guerra, a que assistiram trabalhadores de Mora e Paiva, não se tendo efectuado por aí isso se opôr o delegado do governo.

Em Ponte de Sor

Os monárquicos auxiliados pela guarda republicana pôm a vila em estado de sitio

PONTE DE SOR, 3.—Nesta localidade estava convocada para hoje à noite uma sessão de protesto contra a guerra e da propaganda sindical, a qual teria lugar no Sindicato da Construção Civil.

Cerca das 21 horas, começaram afiando os canhados os quais entravam para o sindicato na maior cordura. Entre a porta fumando o fumo estava o signatário destas linhas que aqui veio para assistir à sessão como delegado da C. G. T. Nisto passaram dois grupos de indivíduos e dum deles destaca-se um sujeito que depois subiu ao pódio para receber assim os presentes e chegar a um discurso com ares provocadores:

O seu homem; quando comece isso?

Quando houver número, respondeu.

Os burgueses podem assistir?

Evidentemente.

Então esperamos que venham os nossos camaradas, responderá ele.

Retiraram-se a juntarem-se a outro grupo e daí pouco voltaram mais provocadores, dirigindo ameaças aos camaradas que muito soerguidamente aguardavam o inicio da sessão, que aquela não lhes responderam. Como continuassem fiz-lhes sentir que não deviam proceder assim e se queiram assistir que assistissem.

O seu homem; quando comece isso?

Quando houver número, respondeu.

Os burgueses podem assistir?

Evidentemente.

Então esperamos que venham os nossos camaradas, responderá ele.

Retiraram-se a juntarem-se a outro grupo e daí pouco voltaram mais provocadores, dirigindo ameaças aos camaradas que muito soerguidamente aguardavam o inicio da sessão, que aquela não lhes responderam. Como continuassem fiz-lhes sentir que não deviam proceder assim e se queiram assistir que assistissem.

O seu homem; quando comece isso?

Quando houver número, respondeu.

Os burgueses podem assistir?

Evidentemente.

Então esperamos que venham os nossos camaradas, responderá ele.

Retiraram-se a juntarem-se a outro grupo e daí pouco voltaram mais provocadores, dirigindo ameaças aos camaradas que muito soerguidamente aguardavam o inicio da sessão, que aquela não lhes responderam. Como continuassem fiz-lhes sentir que não deviam proceder assim e se queiram assistir que assistissem.

O seu homem; quando comece isso?

Quando houver número, respondeu.

Os burgueses podem assistir?

Evidentemente.

Então esperamos que venham os nossos camaradas, responderá ele.

Retiraram-se a juntarem-se a outro grupo e daí pouco voltaram mais provocadores, dirigindo ameaças aos camaradas que muito soerguidamente aguardavam o inicio da sessão, que aquela não lhes responderam. Como continuassem fiz-lhes sentir que não deviam proceder assim e se queiram assistir que assistissem.

O seu homem; quando comece isso?

Quando houver número, respondeu.

Os burgueses podem assistir?

Evidentemente.

Então esperamos que venham os nossos camaradas, responderá ele.

Retiraram-se a juntarem-se a outro grupo e daí pouco voltaram mais provocadores, dirigindo ameaças aos camaradas que muito soerguidamente aguardavam o inicio da sessão, que aquela não lhes responderam. Como continuassem fiz-lhes sentir que não deviam proceder assim e se queiram assistir que assistissem.

O seu homem; quando comece isso?

Quando houver número, respondeu.

Os burgueses podem assistir?

Evidentemente.

Então esperamos que venham os nossos camaradas, responderá ele.

Retiraram-se a juntarem-se a outro grupo e daí pouco voltaram mais provocadores, dirigindo ameaças aos camaradas que muito soerguidamente aguardavam o inicio da sessão, que aquela não lhes responderam. Como continuassem fiz-lhes sentir que não deviam proceder assim e se queiram assistir que assistissem.

O seu homem; quando comece isso?

Quando houver número, respondeu.

Os burgueses podem assistir?

Evidentemente.

Então esperamos que venham os nossos camaradas, responderá ele.

Retiraram-se a juntarem-se a outro grupo e daí pouco voltaram mais provocadores, dirigindo ameaças aos camaradas que muito soerguidamente aguardavam o inicio da sessão, que aquela não lhes responderam. Como continuassem fiz-lhes sentir que não deviam proceder assim e se queiram assistir que assistissem.

O seu homem; quando comece isso?

Quando houver número, respondeu.

Os burgueses podem assistir?

Evidentemente.

Então esperamos que venham os nossos camaradas, responderá ele.

Retiraram-se a juntarem-se a outro grupo e daí pouco voltaram mais provocadores, dirigindo ameaças aos camaradas que muito soerguidamente aguardavam o inicio da sessão, que aquela não lhes responderam. Como continuassem fiz-lhes sentir que não deviam proceder assim e se queiram assistir que assistissem.

O seu homem; quando comece isso?

Quando houver número, respondeu.

Os burgueses podem assistir?

Evidentemente.

Então esperamos que venham os nossos camaradas, responderá ele.

Retiraram-se a juntarem-se a outro grupo e daí pouco voltaram mais provocadores, dirigindo ameaças aos camaradas que muito soerguidamente aguardavam o inicio da sessão, que aquela não lhes responderam. Como continuassem fiz-lhes sentir que não deviam proceder assim e se queiram assistir que assistissem.

O seu homem; quando comece isso?

Quando houver número, respondeu.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE AGOSTO

T.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 5,38	
Q.	13	20	27	Desaparece às 19,47	
S.	14	21	28	FASES DA LUA	
S.	15	22	29	L.C. dia 4 às 11,59	
D.	16	23	30	Q.M. 71 9,41	
S.	17	24	31	C.C. 27 4,40	

MARES DE HOJE

Praiamar às ... e às 0,02

Baixamar às 4,58 e às 5,32

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	97\$00	97\$50
"		
Madrid cheque	2\$91	
Paris, cheque...	\$95	
Sintra, "	3\$90	
Brixelas cheque	993	
New-York, "	26\$05	
Amsterdam, "	8\$06	
Háia, cheque...	774	
Brasil, "	2\$40	
Praga, "	60	
Suecia, cheque	5\$40	
Austria, cheque	2\$82	
Berlim, "	4\$78	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Deliciana — Às 21 — O Leão da Estrela.

Brianda — Às 21,30 — O Lodo.

Apolo — Às 21,30 — O moleiro de Alcalá.

Trindade — Às 21,30 — Dílota Fátria.

Eden — Às 21,30 — A cidade onde a gente se abriga.

Maria Vitoria — Às 20,30 e 22,30 — «Rataplan».

Casino de Sintra — Às 21,30 — Concerto pelo teatro Lapetecaria.

Juvenal — Às 21,30 — Írmãos e As Cigadas.

Sala São — Às 20,30 — Variedades.

Círculo (à Graciosa) — Às 20 — Animadrago.

Avenida Parque — Tebas as noites — Concertos e divertimentos.

CINEMAS

Olympia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema

Cendes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade P

romotora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Es-

perança — Chatelet — Teatro — Tortoise.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande fábrica de propaganda tem

seu lugar a que

ainda hoje os con-

selhos de Portugal

e das limas estrangeiras, visto que

as limas marca

Touros da Em-

preiteira, Limas

Experimentais, pole,

as nossas limas que só

encontram à venda em todos os bons estable-

cimentos de ferragens do país.

MARCAS REGISTADAS

Único Tome Fictória, Ltd.,

fábrica em prego

e qualidade com as melhores

limas do mundo.

Experimentais, pole,

as nossas limas que só

encontram à venda em todos os bons estable-

cimentos de ferragens do país.

RUA ANDRADE, 16, 2º — LISBOA.

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lá com bons forros desde 159\$00

IMPRENSURIS INGLESES com tinto e rapuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, Rua da Boavista, 172

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de cár, para marcenarias, serradas em todas as grossuras.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglezinhos, 50 — LISBOA

FÁBRICA

deadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria

CLÍNICA MÉDICA

Consultório — Travessa Nova de S. Domingos,

9 (à Rua de Amarante)

Residência — Rua Nogueira de Sousa, 17 ao Lu-

ciano Cordeiro)

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metel Aufer, assim como rodas ócias e micos, tubos, molas, molas, chaminés de ferro, etc. Vende-se no Largo da Praça da Liberdade, 16, 2º e em quatro direções.

Dirigir-se-á a Francisco Pereira Lula

(E a casa que fornece em melhores condições).

LOTARIAS

PARA REVENDER

Fornecem os mais baixos preços

Afonso Pereira de Carvalho

Rua de Munde, 115 — LISBOA

Pedras para isqueiros

nos quioscos, nos milheiros e nos centros, Tubos, rolos, molas, molas e molas de aço, tudo que é preciso para fazer isqueiros. Vendem em grandes quantidades nos melhores preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros

(Qualidade garantida)

DÚZIA \$50

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

Rue do Arsenal, n.º 83 — Lisboa

Leia o Suplemento de A BATALHA

MATERIAL ELÉCTRICO

MONTAGENS E REPARAÇÕES

FORÇA MOTRIZ

TELEFONES

E CAMPAINHAS

TELEFONE C. 5420

LOPES & VALÉRIO, L. DA

(ELECTRICITY)

ABAT-JOURS EM ARAME

Rua Nova do Almada, 16

LISBOA

Serviço de livraria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja

Gengibre Correa — A Felicidade de todos os seres na Sociedade

Futura.

José Prat — A burguesia e o proletariado.

A necessidade da Associação.

Content — Contra o confucionismo.

Alfredo Neves Dias — Razão (poema-social).

Landauer — Social Democracia.

R. Meia — O princípio do fim.

A. Maçomaria e o proletariado.

I. Most — Peste religiosa.

J. Rio — Trovas da noite.

Definições sociais.

Contos dum revoltado.

Roberto o Pescador.

— Carnaval de Pensamento.

J. Bakunin — No scatido em que somos anarquistas.

Khueca — Como não ser anarquista.

J. Lazara — A Liberdade.

E Trevant — A minha defesa.

Broekink — A modicidade.

Os bastidores da guerra.

Moral anarquista.

O espírito revolucionário.

J. Guedes — Lei dos Salários.

Briand — A greve geral.

REVISTAS

Escola Nova, da Ass. dos Professores de Portugal.

C. de G. O. N. M. — Procriação consciente.

La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura. Cada número.

Diversas indústrias

Indústria alimentar

Trigo, moagem do trigo; panificação.

Diversas espécies de pão. Fabrico de massas, salsichas, bolachas etc., por Pedro Prostes.

Trostki — Constituição política da República dos Soviéticos.

G. Williams — O Congresso da International Sindical Vermelha.

C. de G. O. N. M. — Procriação consciente.

I. Lazara — A liberdade.

E Trevant — A minha defesa.

La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura. Cada número.

R. General — Russia Nova.

O sindicalismo e os intelectuais

D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário.

A. Hamon — A crise do socialismo.

I. Santos — A transformação da sociedade.

Nuno Vasco — Georgios.

Greve de inquilinos, teatro.

Demola — Patria e Humanidade.

Proletariado Histórico.

G. Archinoet — A Revolução e o Sindicato.

Carlos Ribeiro — A ditadura do proletariado.

Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus.

N. Lenine — A luta pelo pão.

Rodolfo Rocker — O sindicalismo

revol. e a organização operária

Trostki — Constituição política da República dos Soviéticos.

G. Williams — O Congresso da International Sindical Vermelha.

C. de G. O. N. M. — Procriação consciente.

I. Lazara — A liberdade

A BATALHA

Quem não tem outro fim senão dizer a verdade pura, pode abranger muitas coisas com poucas palavras.—STEELE.

PRÓ 8 HORAS DE TRABALHO

O movimento grevístico de Riba de Ave

Os industriais, fortes com o apoio das autoridades e da G. N. R., mantêm-se numa feroz intransigência

SANTO TIRSO, 2.—Já ontem relatámos a nossa chegada à Riba de Ave— aquela cidade de escravos humildes agora tornada numa forte praça de guerra, onde impera omnipotente um sargento da guarda republicana.

A nossa presença impressiona muitas pessoas, que nos fitam surpreendidas, e quase que desconfiadas... Com certeza, que é um outro "delegado" do Porto—diziam alguns operários, ignorantes, para os que os rodeavam. Vai ser preso como foi o primeiro—continuavam numa linguagem que lhes é peculiar.

No espaço dum hora, após a nossa chegada, toda aquela gente sabia que um estranho se encontrava na terra, com o fim de trabalhar para a solução do conflito entre operários e patrões.

Não tardou muito que nas alforias onde se encontrava aquartelada a guarda republicana, se soubesse que tinha chegado à Riba de Ave um "elemento perigoso" que vinha insubordinar os grevistas...

O sargento da guarda, encontrando na nossa presença um obstáculo aos seus fins —pois trata de defender o industrialismo a sedo de alguns metros de riscado—tratou de pôr a "guardiana" de prevenção rigorosa. E durante a tarde a cavalaria em evolução procurava-nos aviadamente de ponta a ponta da povoação, efectuando até algumas buscas domiciliárias...

Impôr o terror... A pequena povoação de Riba de Ave desde logo foi posta em estado de sitio... Pelas ruas e estradas as patrulhas da guarda interrogavam bruscamente os transeuntes se tinham visto um indivíduo estranho na povoação.

E nós perante o aspecto bélico da terra, cujo povo humilde nunca soube o que era uma insubordinação, conservámo-nos assustados até que ao outro dia o delegado do governo do concelho de Famalicão, pois para esse fim lhe telegrafou, viesse conferenciar connosco, para efectivação dum "marche" junto dos industriais.

Neste espaço de tempo dirigiu-nos mostra um vibrante manifesto, dirigido ao povo trabalhador da indústria têxtil de Santo Tirso, Riba de Ave e arredores, editado pelo S. U. da Classe Têxtil do Porto, saudando-o pelo grandioso movimento encetado pelo próprio conquista das 8 horas de trabalho, e incitando-nos à luta até completa vitória. Este eloquente manifesto foi como um raio que caiu das nuvens lá no topo da guarda, e foi como um grito de alerta ao povo que trabalha, agora em luta pela conquista duma regalia.

Criando ânimo, o operariado deliberou fazer uma recepção ao delegado do governo que ao outro dia deveria chegar. Uma recepção não de regos, nem acompanhada de música e foguetes, mas sim acompanhada de gritos estridentes de revolta, de gente tamitil...

De noite a guarda continuando em evoluções, batia às portas acordando toda a gente, preguntado pelo "terrível agitador" que veio do Porto... As buscas domiciliárias e arbitrárias continuaram de noite com a mesma insistência das de dia, como se se tratasse dum bando de facinoras que tinha assentado arraiais em Riba de Ave!

Surge o dia, um dia dum sol abrasador que tosta as faces das moçilas madrugadoras, e logo à porta da nossa hospedaria sonhos surpreendidos pela patrulha dos cavalos da guarda... Uma interrogação... Uma habilidade... E lá nos vemos livres de irmos no meio daqueles mostrinhos grosseiros e estúpidos...

O relógio da torre da igreja matriz acaba de bater as doze badaladas... E' meio dia e tudo se apressa a tomar a miserável refeição, que segundo nos contam, consta dum mafumado caldo de hortálica, para depois estarem na ponte, à meia hora, à espera do delegado do governo de Famalicão, ou antes delegado do industrialismo de Riba de Ave, Caniços, Adelais, etc., etc.

O delegado dos têxteis do Porto, o terrível agitador do povo grevístico—no dizer do sargento—deliberou muito espontaneamente dirigir-se ao posto saber o que desejavam da sua pessoa.

O senhor sargento mostra-se muito sábio, em matéria de crises, de leis, de tudo um poucochinho...

Ate que por fim se saiu com esta:

"O senhor se fosse encontrado esta noite já sabia que tinha de gramar daqui para Famalicão a pé, no meio de dois cavalos..."

Não era nadad... só 18 quilometros a pé, no meio de dois cavalos da guarda... deixa dum sol ardente...

Uma busina de automóvel soava, anuncianto a chegada do senhor delegado do governo... e a conversa é interrompida por alguns minutos.

O delegado do governo de Famalicão, muito gentil, recebe-nos com a mesma atitude do sargento...

Muito avançado, "socialista extremista" ou "republicano legítimo", ele se declarava antes de extrairmos no ponto essencial do assunto a que falamos.

Depois de lhe férmos uma modesta representação, na qual sintetizávamos a nossa missão, e a justa reclamação dos trabalhadores têxteis, daquelas regiões, agora em greve,—aquele senhor dispôs-se a ir junto dos industriais para nos receberem, mas no entanto já nissso punha dúvida...

Meia hora depois, sua dúvida confirmou-se. Estava impossibilitado de me desempenhar da minha missão e de apresentar uma simples opinião, porque as balas das carabinas da guarda estavam prontas a sufocar-me a voz. Nomeia-se uma comissão de operários grevistas, desses operários que desconhecem tudo o que existe fora daquelas regiões pitorescas e dum panorama deslumbrante.

E se que resolveram? Os industriais mandaramos com as autoridades, mantiveram-se no seu pedestal, alheios ao cumprimento duma lei que o governo da República Portuguesa decretou, oferecendo aos operários—o quê... Riscados ao prego da

OS CONFLITOS OPERÁRIOS

A federação dos mineiros decidiu empreender uma acção internacional

Temos seguido atentos o conflito mineiro na Inglaterra, pois é serve de lição ao operariado português. Pelos incidentes que se têm dado, pela grande soma de energia desperdiçada pelos trabalhadores revoltados, como pela vitória retumbante e decisiva que dentro em pouco obterão sobre o patronato, se pode ver a inutilidade e o valor que pode ter na conquista de regularias e na defesa dos interesses do operariado a ingresso completo destes nas suas organizações de classe.

Para apreciar o conflito mineiro inglês, reuniu-se, há dias, o comité da Federação Internacional dos Mineiros, onde se encontravam representadas a Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, Tchecoslováquia e França.

A Federação Internacional dos transportes também enviou um delegado.

O assunto a tratar era: "Determinar as forças de ação necessárias a impedir as baixas de salário".

A discussão foi assaz longa. As teses alemã e inglesa, sobre este assunto, foram expostas com bastante veemência. No entanto os delegados conseguiram chegar a uma resolução que foi aprovada por unanimidade.

Ela:

"O comité internacional dos mineiros, reunidos no dia 28 de Julho, em Paris, estatuirão sobre a situação penível em que o operariado das minas se debate, ameaçado por toda a parte com a redução de salários, no momento em que as condições da vida se agravam cada vez mais;

Considerando que esta situação é ocasionada pelo círculo capitalista que levou a produção dos combustíveis além das necessidades de consumo;

Declara que o remédio primordial está numa regulamentação da produção para a comparar com as necessidades dos diferentes países; afirma que esse fim não pode ser alcançado senão pela nacionalização das minas e pela regulamentação internacional da produção;

Convida as organizações sindicais das minas a pugnar pela realização destas reformas essenciais;

Decide prestar aos mineiros ingleses a maior ajuda possível na sua luta contra as condições intoleráveis que os patrões procuram impôr-lhes.

Em razão da extrema urgência da situação, o comité internacional decide que, no caso de os patrões ingleses, porém em execução as suas ameaças, no dia 1.º de Agosto, seja empreendida uma ação internacional.

No caso da greve não poder ser imediatamente decidido, decidiu-se que a produção fosse reduzida a tal ponto que a extracção do carvão não se tornasse uma ameaça para a Grã-Bretanha.

Também ficou decidido que se puvessem em computação com a organização internacional dos transportes a fim de impedir as exportações de carvão.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Reorganizou-se o sindicato metalúrgico de Gaia

GAIA, 3.—Fazia-se sentir, de há muito, a necessidade de os operários metalúrgicos se reorganizarem sindicalmente para assim fazerem frente à desalmada exploração a que têm estado submetidos. E é com vista a natureza que comunicamos ter-se reorganizado o seu sindicato.

Os operários metalúrgicos de Gaia reuniram últimamente tendo eleito a comissão administrativa que ficou constituída por Daniel João de Oliveira, Joaquim Pereira dos Santos, António Magalhães e Ernesto de Vasconcelos.

Ozalá que os metalúrgicos de Vila Nova de Gaia não esmoreçam e saibam dar ao sindicato agora formado a força de que ele carece para poder desempenhar a sua missão, como organismo de defesa contra a ganância capitalista e de combate a todos os privilégios e opressões.—C.

Assim é que está certo.

Deixemos o personalismo e tratemos da colectividade.

J. N. MADEIRA

COOPERATIVA LISBONENSE DE CHAUFFEURS

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

fábrica... Milho para o caldo mais em conta...

Enfim, um insulto lançado ao rosto dos milhares de trabalhadores que ali na frente do posto esperaram o resultado das demarques, e a nossa liberdade.

Convidados a não voltar ali mais, enquanto o movimento durasse, e avisados de que todos os que na mesma missão continuassem a ir lá, sofreriam aquela perseguição que acima me refiro, fomos acompanhados pelo amigo sargento até Caniços, estação do Caminho de Ferro.

Antes de atravessarmos a povoação, a multidão aguardava-nos na ponte, esperançada em que alguma coisa lhe diríamos sobre as 8 horas de trabalho e o seu movimento. Quando passámos no meio, a um nosso gesto com o chapéu, saudando-a, de milhares de bocas saiu um viva, um viva vibrante, entusiasmado correspondendo às 8 horas de trabalho!... Mais vivas se seguiram ao Sindicato Têxtil do Porto, e mornas aos industriais exploradores que escarneceram da sua miseria!...

E todos aqueles milhares de seres humanos se dispunham a acompanhar-nos até à estação, manifestando assim, a sua inteira solidariedade por um seu irmão de sofrimento, que ali ia desempenhar-se dum missão, se não fôr um pedido por nós formulado para que desistissem desse propósito.

E, enquanto nós éramos alvos dum carinhoso manifestação, o sargento ressentido, chamou a patrulha da cavalaria que acompanhava a carriola onde vinhamos, com guarda de honra, ate ao meio do caminho que separa Caniços de Riba de Ave, de carabinas apuradas, chegaram finalmente à estação de Carrilhos onde se juntou muito povo, especializando multíplices.

E dalí no comboio até Santo Tirso, nada de anormal nos sucedeu, simplesmente a guarda de honra, na estação, arrancou bruscamente das mãos dum mulher um exemplar de A Batalha, que linhamos deitado para fora da portinhola da carruagem onde vinhamos no momento da partida.

S. J.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Manipuladores de pão

Pede-se a comparsaria no sindicato de todos os operários que foram e estão sendo empregados com baixa de salários, amanhã pelas 12 horas, para tratar da sua situação.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Pediu-se a comparsaria no sindicato de todos os operários que foram e estão sendo empregados com baixa de salários, amanhã pelas 12 horas, para tratar da sua situação.

Apresentando-se hoje o governo ao parlamento vão procurar reatar com os novos ministros as "marchas" iniciadas.

A BATALHA No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

FU NCIONALISMO PÚBLICO

O problema das estradas só se resolverá quando o Estado pagar como deve aos canteiros das Obras Públicas

Um dos problemas que em Portugal mais tem prerido a atenção dos políticos e dado causa a maior soma de artigos, é sem dúvida nenhuma o problema das estradas; pois que, raros têm sido os países da pátria que deles não têm ocupado para impingir-lhes dos seus tão sábios como inteligentes discursos, e os jornalistas que com ele não têm gasto duas colunas de prosa, no entanto, poucos têm sido aqueles que ao fazerem-no têm feito com aquela sinceridade e franqueza que é de requerir e necessita que o fizessem.

O Estado lastimável, vergonhoso mesmo,

em que as estradas de Portugal se nos apresentam sempre que por elas temos de transitar, justificam bem, a política de interesse

que os homens com banca aberta em São Bento por ocasião do acto eleitoral à sua volta sabem fazer.

Veze e não poucas, têm surgido as mais geniais e inventivas ideias para solucionar esse tão magnifico momento de problema;

—a pesar de que é cada vez mais se complica e eterniza.

Na campanha para pôr termo a um estado de que apenas preocupa a classe estrutural, que deles fazem parte, é de se lembrar que a classe estrutural é a que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.

É a classe que mais se beneficia das estradas.</p